



Brasão de Loriga

No coração da Lusitânia

Loriga

Fundada originalmente no alto de uma colina entre ribeiras onde hoje existe o centro histórico da vila, o seu nome primitivo, anterior à chegada dos romanos, era Lobriga. O local foi escolhido há mais de dois mil e seiscentos anos, devido à facilidade de defesa (uma colina entre ribeiras), à abundância de água e de pastos, bem como ao facto de as terras mais baixas providenciarem alguma caça, e condições mínimas para a prática da agricultura. Desta forma estava garantido o sustento a uma comunidade constituída fundamentalmente por pastores e agricultores, que fizeram parte de uma das tribos mais aguerridas da Lusitânia.

O nome veio, da localização estratégica da povoação, do seu protagonismo e dos seus habitantes, nos Hermínius (actual Serra da Estrela) na resistência lusitana, o que levou os romanos a por-lhe o nome de Lorica (antiga couraça guerreira). Os Hermínius eram o coração e a maior fortaleza da Lusitânia. É

um facto que os romanos lhe deram o nome de Lorica, nome de couraça guerreira, e deste nome derivou Loriga (derivação iniciada pelos Visigodos), e que tem o mesmo significado. É um caso raro, em Portugal, de um nome bimilenar, facto que justifica que a couraça seja a peça central e principal do brasão histórico da vila.

Situada na parte Sudoeste da Serra da Estrela, a sua beleza paisagística é o principal atractivo de referência. Os socacos e sua complexa rede de irrigação são um dos grandes ex-libris de Loriga, uma obra gigantesca construída pelos Loricenses ao longo de muitas centenas de anos e que transformou um vale belo, mas rochoso, num vale fértil.

Em termos de património, destacam-se também a ponte e a estrada romanas (século I a.C.), uma sepultura antropomórfica (século VI a.C.), a Igreja Matriz (século XIII, reconstruída), o Pelourinho (século XIII, reconstruído), o Bairro de São Ginês (São Gens) com origem anterior à chegada dos romanos, a Rua de Viriato, o herói lusitano que a tradição local, e diversos antigos documentos, encontram origens nesta antiquíssima povoação. A Rua da Oliveira, pela sua peculiaridade, situada na área mais antiga do centro histórico da vila, recorda algumas das características urbanas da época medieval. A estrada romana e uma das duas pontes (a outra ruíu no século XVI após uma grande cheia na Ribeira de S. Bento), com as quais os romanos ligaram Lorica ao restante império, merecem destaque. A estrada romana ligava Lorica a Egitânia (Idanha-a-Velha), Talabara (Alpedrinha), Sellium (Tomar), Scallabis (Santarém), Olisipo (Lisboa) e a Longóbriga (Longroiva), Verurium (Viseu), Balatucellum (Bobadela), Conímbriga (Condeixa-a-Velha) e Aemínium (Coimbra).

Também o Bairro de São Ginês (S. Gens) é um ex-libris de Loriga, e nele destaca-se a capela de Nossa Senhora do Carmo construída no local de uma antiga ermida visigótica precisamente dedicada àquele santo. Quando os romanos chegaram, a povoação estava dividida em dois núcleos: O maior, mais antigo e principal, situava-se na área onde hoje existem a Igreja Matriz e parte da Rua de Viriato, e estava fortificado com muralhas e paliçada. No local do actual Bairro de S. Ginês (S. Gens), existiam já algumas habitações encostadas ao promontório rochoso, em cima do qual os Visigodos construíram mais tarde uma ermida dedicada àquele santo.

Loriga era uma paróquia pertencente à Vigariaria do Padroado Real e a Igreja Matriz foi mandada construir em 1233 pelo rei D. Sancho II. Esta igreja, cujo orago era já o de Santa Maria Maior, e que se mantém, foi construída no local de um outro antigo e pequeno templo, do qual foi aproveitada uma pedra com inscrições visigóticas, que está colocada na porta lateral virada para o adro. De estilo românico, com três naves, e traça exterior lembrando a Sé Velha de Coimbra, esta igreja foi destruída pelo sismo de 1755, dela restando apenas partes das paredes laterais.

O sismo de 1755 provocou enormes estragos na vila, tendo arruinado também a residência paroquial e aberto algumas fendas nas robustas e espessas paredes do edifício da Câmara Municipal construído no século XIII. Um emissário do Marquês de Pombal esteve em Loriga a avaliar os estragos mas, ao contrário do que aconteceu com a Covilhã (outra localidade serrana muito afectada), não chegou de Lisboa qualquer auxílio.

Loriga é uma vila industrial (têxtil) desde o início do século XIX, chegou a ser uma das localidades mais industrializadas da Beira Interior, e a actual sede de

concelho só conseguiu suplantá-la quase em meados do século XX. Tempos houve em que, só Covilhã ultrapassava Loriga em número de empresas. Nomes de empresas, tais como; Regato, Redondinha, Fonte dos Amores, Tapadas, Fândega, Leitão & Irmãos, Augusto Luis Mendes, Lamas, Nunes Brito, Moura Cabral, Lorimalhas, etc, fazem parte da rica história industrial desta vila. A principal e maior avenida de Loriga tem o nome de Augusto Luís Mendes, o mais destacado dos antigos industriais Loricenses.

A história da vila de Loriga é, aliás, um exemplo das consequências que os confrontos de uma guerra civil podem ter no futuro de uma localidade e de uma região. Loriga tinha a categoria de sede de concelho desde o século XII, tendo recebido forais em 1136 (João Rhânia, senhorio das Terras de Loriga durante cerca de duas décadas, no reinado de D. Afonso Henriques), 1249 (D. Afonso III), 1474 (D. Afonso V) e 1514 (D. Manuel I), mas, por ter apoiado os chamados Absolutistas contra os Liberais na guerra civil portuguesa, teve o castigo de deixar de ser sede de concelho em 1855. A conspiração movida por desejos expansionistas da localidade que beneficiou com o facto, precipitou os acontecimentos.

Foi no mínimo um caso de injusta vingança política, numa época em que não existia democracia e reinavam o compadrio e a corrupção, e assim começou o declínio de toda a Região de Loriga (antigo concelho de Loriga). Se nada de verdadeiramente eficaz for feito, começando pela vila de Loriga, esta região estará desertificada dentro de poucas décadas, o que, tal como em relação a outras relevantes terras históricas do interior do país, será concerteza considerado como uma vergonha nacional. Confirmaria também a existência de graves e sucessivos erros nas políticas de coesão, administração e ordenamento do território.

A área onde existem as actuais freguesias de Alvoco da Serra, Cabeça, Sazes da Beira, Teixeira, Valezim, Vide, e as mais de trinta povoações anexas, pertenceu ao Município Loricense. A vila de Loriga, situa-se a vinte quilómetros da actual sede de concelho, e algumas freguesias da sua região situam-se a uma distância muito maior.

A Região de Loriga, área do antigo Município Loricense, constitui também a Associação de Freguesias da Serra da Estrela, com sede na vila de Loriga.

Loriga e a sua região possuem enormes potencialidades turísticas, e as únicas pistas e estância de esqui existentes em Portugal, estão localizadas na área da freguesia da vila de Loriga.

Os Lusitanos

Entre as numerosas tribos que habitavam a Península Ibérica quando chegaram os romanos, encontravam-se, na parte ocidental, as dos Lusitanos, consideradas as maiores das tribos ibéricas, com as quais durante muitos anos lutaram os romanos. Sabe-se que tiveram nos Celtas a sua origem, e que o coração da Lusitânia se situava no que é hoje a Beira Interior, especialmente a região dos Hermínius, actual Serra da Estrela. Muitos autores também incluem nos Lusitanos, os Galaicos, que, por sua vez, tinham por vizinhos, a oriente, os Astures e os Celtiberos. Os galaicos aparecem documentados por vez primeira formando parte do exército do caudilho luso Viriato como mercenários de guerra mas os galaicos (castrejos) ao norte do Douro posteriormente seriam separados da Lusitânia e administrados por Roma como província autónoma na Gallaecia (Galécia) à margem da Lusitânia e da Hispânia Tarraconensis ser

conquistados por Décimo Jânio Bruto o Galaico.[1]

Tito Lívio na História Romana escritor do século I a.C., menciona-os incorporados como mercenários no exército de Aníbal, tomando parte na batalha da Tríbia e depois atravessando os Pirenéus, após a destruição de Sagunto, a caminho de Itália. Os Lusitanos, segundo teses mais modernas, seriam de facto de origem celta, como o provam os escritos em língua lusitana encontrados em território português.

Conhecem-se algumas inscrições lusitanas, algumas delas muito tardias. Todas essas usam já o alfabeto latino, previamente ao período romano mas sabe-se ter existido uma epigrafia lusitana própria. As principais dessas inscrições foram em território português em Lomas de Moledo e Cabeço das Fráguas. A modo de exemplo mostramos aqui a inscrição de Cabeço das Fráguas do século III d.C.:

OILAM TREBOPALA INDI PORCOM LAEBO COMMAIAM ICCONA LOIM INNA OILAM VSSEAM TREBARVNE INDI TAVROM
IFADEM[...] REVE TRE[...]

Esta inscrição traduz-se habitualmente como: "[é sacrificada] uma ovelha a Trebopala, e um porco a Laebo, oferenda a Icona Luminosa, uma ovelha de um ano a Trebaruna e um touro semental a Reve Tre[baruna(?)]".

Descrição linguística: As inscrições lusitanas (escritas em alfabeto latino) mostram uma língua celta facilmente tradusível e interpretável, já que conserva em maior grau o seu parecer com o celta comum. A conservação de algumas inscrições lusitanas, faz que muitos autores considerem o lusitano como uma língua celta mas não celtoide.

Para estes autores, o lusitano parece ser uma língua descendente do celta comum mais do que uma língua emparentada do celta comum.

Os Lusitanos foram considerados, pelos historiadores, hábeis na luta de guerrilhas, como o provaram quando chefiados por Viriato se livraram do cerco de Vetílio e o perseguiram até ao desfiladeiro da Serra de Ronda, onde desbarataram as tropas romanas. Utilizavam como armas o punhal e a espada, o dardo ou lança de arremesso, todo de ferro, e a lança de ponta de bronze. Diz-se também que eles untavam o corpo: que usavam banhos de vapor, lançando água sobre pedras ao rubro, e tomavam em seguida um banho frio; comiam apenas uma vez por dia.

Praticavam exercícios de ginástica como o pugilato e corridas, simulacros de combates a pé ou a cavalo: bailavam em danças de roda, homens e mulheres de mãos dadas, ao som de flautas e cornetas; cada um tinha apenas uma mulher. Usavam barcos feitos de couro, ou de um tronco de árvore.

As lutas dos lusitanos contra os romanos começaram em 193 a.C.. Em 150 a.C. o pretor Sérvio Galba, após ter infligido aos Lusitanos grandes punições aceitou a paz com a condição de eles entregarem as armas, aproveitando depois que os viu desarmados para os chacinar. Isto fez lavar ainda mais a revolta e durante oito anos os romanos sofreram pesadas baixas. Esta luta só acabou com o assassinio traiçoeiro de Viriato por três companheiros subornados pelo ouro romano. Desde que Viriato saíu de Lorica, nos Hermínios, para chefiar os Lusitanos, até ao seu vergonhoso assassinato, os romanos sofreram muitas e pesadas derrotas. Mas a luta não parou e para tentar acabá-la mandou Roma à Península o cônsul Décimo Jânio Bruto, que fortificou Olisipo, estabeleceu a base de operações próximo da actual Santarém, e marchou para o Norte, mantendo e destruindo tudo o que encontrou até à margem do Rio Lima. Mas nem assim Roma conseguiu a submissão total e o domínio do norte da Lusitânia só foi conseguido com a

tomada de Numância, na Celtibéria que apoiava os castros de Noroeste.

Em 60 a.C. Júlio César dá o golpe de misericórdia aos lusitanos. No entanto ainda algumas guerrilhas continuaram pois em 19 a.C. desenvolveram-se acções

de submissão nas Astúrias, Leão e Norte de Portugal, onde Augusto e Agripa tiveram de levar a guerra, ficando célebre a última resistência oferecida às tropas

romanas pelo castro do monte Medílio, sobranceiro ao rio Minho, cujos defensores, prestes a serem dominados, acabaram por suicidar-se, preferindo a morte à escravidão.

Citando Caius Julius Caesar (100-44 AC) "Há nos confins (Oeste) da Ibéria um povo que não se deixa governar (dominar)."
